

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

### REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO SINTÁTICA DE ATRIBUTO

Antônio Sérgio Cavalcante da Cunha (UERJ; UNESA)  
[sergio03@ism.com.br](mailto:sergio03@ism.com.br)

#### INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende fazer uma reflexão sobre a função sintática denominada atributo, por Mário Perini (2000). Este autor faz uma análise bem mais profunda dos termos adverbiais na oração, considerando que, aquilo que as gramáticas tradicionais chamam de adjunto adverbial pode ser dividido em uma série de funções sintáticas de caráter adverbial, como: adjunto adverbial, adjunto oracional, adjunto circunstancial, atributo, negação verbal, cada uma diferenciando-se da outra em pelo menos um traço distinto no comportamento sintático.

#### *1. Como a tradição gramatical trata as funções adverbiais*

As gramáticas escolares, que seguem a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), consideram que os termos adverbiais na oração só podem exercer a função de adjunto adverbial, diferenciando-os pelo caráter semântico (de tempo, de modo, de lugar, de dúvida etc.). Isso leva a uma infundável lista de adjuntos adverbiais que varia de compêndio para compêndio, de acordo com o número de possibilidades semânticas que cada autor consiga vislumbrar.

Quando muito, alguns textos tradicionais fazem a distinção entre adjunto adverbial, considerado uma função sintática acessória, e um complemento de natureza adverbial, que, por não ser previsto pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), acaba recebendo diferentes nomes: Kury chama-o de complemento adverbial, Rocha Lima, de complemento circunstancial e Celso Pedro Luft, de complemento indireto locativo.

Aliás, quanto a este último autor, parece, então, que ele só admite que tais termos adverbiais só podem passar a ideia de lugar, quando, na verdade, elas podem passar outros sentidos. Na sentença

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Meu irmão está bem*, o elemento *bem* pode ser considerado um complemento adverbial ou circunstancial e, no entanto, não passa a ideia de lugar.

A razão encontrada por alguns gramáticos para a criação dessa nova função sintática, não prevista na NGB, está no fato de que o adjunto adverbial é incluído no grupo dos termos acessórios e esses autores reconhecem a existência de termos adverbiais que nada têm de acessórios.

Mais recentemente, Bechara (1999), também reconhecendo este problema, fala dos determinantes circunstanciais ou adverbiais, acrescentando o seguinte:

Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos adjuntos adverbiais, isto é, como termos não argumentais, vale dizer fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele. (p. 436)

Dessa forma, o que leva Bechara, Rocha Lima, Kury e Luft a criarem uma nova função sintática fora da NGB é o caráter argumental, portanto, não acessório, dessa nova função, em contraposição ao caráter não argumental, acessório, do adjunto adverbial.

Henriques (2008) inicia o capítulo sobre adjunto adverbial citando Perini: “A tradicional categoria dos advérbios encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente” (p. 187). No entanto, acaba por conformar-se com a postura mais tradicional, considerando apenas o adjunto adverbial, subdividindo-o em várias categorias semânticas.

### 2. O atributo

Perini caracteriza o atributo com os seguintes traços sintáticos: [-CV, +Ant, -Q, +CN, +Cl, +PA, -pNdP]. Assim, essa função sintática caracteriza-se por não manter uma relação de concordância com o verbo da oração (relação que é privativa do sujeito), poder ser anteposto, isto, ser posto no início da oração, antes mesmo do sujeito, não poder ser retomado por uma pergunta *o quê?* ou *quem?* manter uma relação de concordância com algum elemento nominal da oração (concordância em gênero e número), poder ser clivado e po-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

der ocorrer em posição de auxiliar (entre o sujeito e o verbo da oração ou entre o sujeito e a negação verbal, caso ela esteja presente na oração). Nos exemplos dados pelo autor, essa função sintática seria, para a gramática tradicional, ora o que ela chama de predicativo do sujeito, ora adjunto adverbial.

Deixando de lado o traço PA (posição de auxiliar), que o próprio autor admite ser o menos satisfatório, uma vez que, não raro, houve vacilação por parte de seus informantes sobre a possibilidade de uma determinada expressão ocorrer na posição de auxiliar, teríamos, para o atributo, então, a seguinte matriz de traços: [-CV, +Ant, -Q, +CN, +Cl, -pNdP].

Como exemplos de atributo, o autor nos fornece os seguintes:

***Jeremias reclama frequentemente.***

***Jeremias reclama indignado.***

Observando os exemplos dados por Perini, podemos ver que o traço CN (concordância nominal) é facilmente verificado no segundo exemplo (indignado), mas não pode ser verificado no primeiro. Perini nos explica que, se trocarmos *frequentemente* por *indignado*, a concordância passa a ocorrer (*Jeremias reclama indignado, Maria reclama indignada, Jeremias e Pedro reclamam indignados, Maria e Helena reclamam indignadas*).

O autor não usou nenhum outro argumento para sustentar sua proposta. Podemos perceber, no entanto, outro possível argumento que poderia ser usado. Como a palavra *frequentemente* é um advérbio, não é variável e, por isso, não pode, por questões morfológicas, concordar com ninguém. Já *indignado* é um adjetivo e, portanto, variável, pelo menos em número (no caso do adjetivo utilizado no exemplo do autor, é também variável em gênero). Assim, o problema não estaria no nível da sintaxe, mas no léxico, nas características de cada classe de palavras: variabilidade ou invariabilidade. Por isso, os dois elementos são, para o autor, atributos nas frases acima mencionadas.

## **FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

### **3. Algumas reflexões**

Embora reconheçamos como válidos os argumentos usados por Perini, entendemos que o autor deixou de considerar algumas questões.

O primeiro ponto que podemos levar em conta é que, nos dois exemplos de Perini, o traço [-Q] é aplicável aos elementos analisados. No entanto, enquanto *indignado* pode ser recuperado por uma pergunta adverbial com o advérbio interrogativo *como?* *frequentemente* não pode ser recuperado por qualquer pergunta adverbial, nem mesmo pergunta introduzida por *quando?*.

**Como Jeremias reclama?**

**Jeremias reclama indignado.**

**Quando Jeremias reclama?**

**Jeremias reclama frequentemente.**

A explicação para a possibilidade de o primeiro elemento (*indignado*) poder ser retomado por uma pergunta adverbial é que, na sentença, o adjetivo em pauta tem valor adverbial, podendo ser facilmente substituído por *indignadamente*.

Já o advérbio *frequentemente* não pode ser substituído pelo adjetivo que lhe dá origem (*frequente*). Não caberia, pois, dizer *\*Jeremias reclama frequente*.

A relação do adjetivo *indignado* se faz tanto com a forma verbal (*reclama*) quanto com o substantivo próprio *Jeremias*, razão pela qual concorda em gênero e número com o substantivo. Ao contrário, *frequentemente* tem relação apenas com o verbo.

### **4. Uma nova proposta**

As considerações feitas acima nos fazem chegar a uma proposta diferente da de Perini. Entendemos que, no caso de *Jeremias reclama indignado*, o traço +CN se aplica. Assim, definiríamos a função sintática de *indignado* na sentença acima pela seguinte matriz de traços: [-CV, +Ant, -Q, +CN, +Cl, -pNdP].

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Entendemos, também, que a matriz não se alteraria se, ao invés do adjetivo, usássemos o advérbio *indignadamente* ou a expressão *com indignação*. Manteríamos o traço CN com o sinal positivo, pois, neste caso, cremos que se trata de uma mera opção do falante. Se a opção for pelo adjetivo, far-se-á a concordância nominal com o sujeito. Se for pelo advérbio, em virtude das características morfológicas dessa classe de palavras, que é invariável, a concordância não se manifestaria. O problema não está, pois, na Sintaxe, mas no léxico. Se pelo S Prep (*com indignação*), a mesma análise se aplica. O S Prep não varia para concordar com outro elemento.

Já no caso de *Jeremias reclama frequentemente*, optaríamos, para a função sintática exercida pelo elemento *frequentemente*, pela seguinte matriz: [-CV, +Ant, -Q, -CN, +Cl, -pNdP]. A razão para a mudança no traço CN está no fato de que *frequentemente* não é intercambiável com o adjetivo *frequente*. Assim, o problema não está somente no léxico, mas na impossibilidade de o adjetivo ser usado, na sentença em questão, no lugar do advérbio, pois não há relação entre *frequentemente* e *Jeremias*. A relação de *frequentemente* é exclusivamente com a forma verbal *reclama*.

### 5. Conclusões

A conclusão a que chegamos é que os elementos acima explicitados não podem ser considerados como tendo a mesma função sintática. Assim, optamos por matrizes diferentes para os dois itens em questão, a saber *indignado* e *frequentemente*.

Acreditamos, também, na necessidade de aprofundamento do estudo das funções sintáticas dos sintagmas adverbiais e dos sintagmas preposicionados na oração. A gramática tradicional é muito limitada nesse aspecto, fazendo a distinção pelo critério exclusivamente semântico. Já Perini vai mais adiante ao procurar caracterizar os diversos comportamentos sintáticos desses elementos. No entanto, seu pioneiro estudo merece uma reflexão, uma vez que o comportamento sintático desses elementos é extremamente variado e, portanto, complexo.

## **FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

### **BIBLIOGRAFIA**

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

KURY, Adriano da Gama. *Lições de português pela análise sintática*. São Paulo: Ática, 1991.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 1996.

PERINI, Mário. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática 1989.

\_\_\_\_\_. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2000.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.